

NARRATIVAS EMANCIPADORAS: PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE MULHERES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE COMO INSTRUMENTO ABOLICIONISTA

Ketheleen Cristini Pinheiro de Araújo Pinto¹; Júlia Meirelles Gomes do Nascimento²

¹UERJ-FFP, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil; pinheiroketheleen97@gmail.com

²UERJ-FFP, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil; juliameirelles1678@gmail.com

O presente trabalho busca compreender as narrativas produzidas por mulheres apenas como prática política responsável por denunciar as violências estruturais do sistema prisional. Historicamente, a literatura foi um espaço dominado pelas elites brasileiras, entretanto, no século XXI, a literatura marginal traz um novo significado, acolhendo vozes silenciadas, especialmente de corpos femininos, negros e periféricos. O trabalho tem como recorte especificamente as produções de mulheres sob custódia, permitindo-se à escuta atenta de suas próprias vivências de exclusão, violência e apagamento social. O objetivo da pesquisa é analisar tais produções, escritas e orais, dialogando com conceitos de necropolítica, da obra homônima de Achille Mbembe (2011), e abolicionismo, formulado por Angela Davis, em *Abolicionismo. Feminismo. Já!* (2023), que critica o encarceramento como um instrumento para punir e controlar corpos marginalizados. A metodologia adotada é de cunho qualitativo, fundamentada na análise teórica de textos críticos já citados, e de relatos de experiências da autora e slammer Gih Trajano, e em seu livro *Quem saberia perder* (2021), bem como na análise de relatos orais produzidos por Camila Miranda, influenciadora digital, em suas redes sociais, expondo as condições precárias materiais e simbólicas vivenciadas por detentas. A pesquisa, ainda em andamento, evidencia que a escrita e a oralidade produzidas por essas figuras escancaram práticas como pobreza menstrual, precariedade alimentar, violência policial e, para além, a solidão, revelando sobretudo a perda de direitos sobre seu próprio corpo e o estatuto político dessas mulheres. A intersecção entre gênero, raça e classe social se torna evidente, revelando como as experiências de opressão são moldadas por múltiplas camadas de desigualdade. Conclui-se que, se o encarceramento contribui para a produção da morte social desses corpos, a literatura atua como meio de reexistência, permitindo que essas mulheres se afirmem como sujeitas políticas e narradoras de suas próprias vivências.

Palavras-Chave: Encarceramento; Mulheres; Narrativas; Necropolítica; Abolicionismo.

Referências Bibliográficas

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

DAVIS, Angela. **Abolicionismo. Feminismo. Já**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

TRAJANO, Gih. **Quem saberia perder**. São Paulo: Selin Trovoar, 2021.

MIRANDA, Camilla. **Relato sobre sua prisão**. Rio de Janeiro. Instagram: @camillamiranda17, 12 dez. 2025. Vídeo. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DSKuCDTgEGD/>. Acesso em: 10 jan. 2026.